

**TEACHER! EU NÃO GOSTO DE INGLÊS: A MÚSICA COMO
POSSIBILIDADE PARA MOTIVAR O ALUNO A GOSTAR E APRENDER A
LÍNGUA INGLESA**

**TEACHER! I DON'T LIKE ENGLISH: MUSIC AS A POSSIBILITY TO
MOTIVATE THE STUDENT TO LIKE AND LEARN THE ENGLISH LANGUAGE**

Ivan Bechtold¹
Joel Cezar Bonin²

Recebido em: 10 jul. 2022.
Aceito em: 16 ago. 2022.

RESUMO

A proposta deste artigo é primeiramente descrever um fato corriqueiro que acontece nas escolas, a saber, o de que os alunos não gostam de inglês. Apresentam-se alguns fatores que podem interferir no desgosto dos alunos pelo aprendizado de língua inglesa e, em consequência, o agravante de que após, um certo ciclo de aulas, o aluno ainda não apresenta um conhecimento razoável de inglês. Nesse mesmo viés, apresenta-se um breve relato sobre as dificuldades dos professores para motivar o aluno que se sente desmotivado para o ensino do idioma. Posteriormente, se relata sobre a motivação e a sugestão da música como uma possível estratégia para ajudar o professor e o aluno no ensino e aprendizagem da língua inglesa. Para além disso, se sugere a música para motivar, ensinar e, por fim, fazer o aluno gostar do componente curricular de inglês. Os resultados apontam, efetivamente, a possibilidade do uso de músicas como uma ferramenta de ensino que pode trazer motivação aos alunos do ensino de língua inglesa. O artigo aqui exposto tem viés bibliográfico e se pauta por uma abordagem descritiva e qualitativa.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Música. Motivação. Estudante.

ABSTRACT

The purpose of this article is to try to describe a common fact that happens in schools, namely, that students do not like English. Some factors are presented that may

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – PPGEB/UNIARP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8563-1017>. E-mail: ivanbechtold@gmail.com.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica PPGEB/UNIARP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0437-7609>. E-mail: joelbonin@yahoo.com.br.

interfere with students dislike of learning the English language and, consequently, the aggravating factor that after a certain cycle of classes, the student still does not have a reasonable knowledge of English. In this same vein, a brief report is presented on the difficulties teachers face in motivating students who feel unmotivated to teach the language. Subsequently, it reports on the motivation and suggestion of music as a possible strategy to help the teacher and the student in teaching and learning the English language. In addition, music is suggested to motivate, teach and, finally, make the student enjoy the English curriculum component. The results effectively point to the possibility of using music as a teaching tool that can be brought to English language teaching students. The article presented here has a bibliographical bias and is guided by a descriptive and qualitative approach.

Keywords: English Language. Music. Motivation. Student.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como base, a vida e o trabalho do professor do componente curricular da língua inglesa que, por diversas vezes, na unidade escolar que trabalha, ouve dos alunos declarações que afirmam que eles não gostam de estudar inglês. No convívio com os alunos e na rotina diária da escola, observa-se que muitos alunos, na sua grande maioria, não gostam de inglês e nota-se a ausência de um elemento que possa impulsioná-los a compreenderem e assimilarem a importância e o valor do idioma inglês em suas vidas.

Com o passar dos dias na escola, torna-se habitual o fato de que o aluno não sente apreço pelo aprendizado de língua inglesa e este fato é tão recorrente que, por vezes, cai-se no comodismo, sendo que os dias vão se passando, os anos vão sendo contabilizados e o aprendizado do idioma torna-se desprovido de sentido.

Todavia, quando saímos do comodismo e vamos à busca de descobrir o motivo pela falta de interesse em aprender inglês, pode-se encontrar inúmeras respostas. Pode-se dizer, contudo, que não é possível saber com exatidão se o motivo do desestímulo é consequência do distanciamento entre o idioma e a realidade dos estudantes ou pelo valor que não é dado a esse saber. Com tais proposições, pode-se inferir que o professor possui um desafio diário: motivar e cativar os alunos a tal ponto que eles realmente compreendam o papel da língua inglesa em suas vidas. De

todo modo, vale destacar ainda que a desmotivação é resultado de diversos fatores, desde a falta de um material didático cativante até o método usado pelos professores.

Os professores, por seu turno, necessitam lidar com muitos aspectos educacionais: planejamento anual, jornadas longas, muitas vezes sem material de apoio, sem horas-atividades (tempo) para o planejamento adequado de suas aulas, sem tempo para correção das atividades ou provas, além de outras dificuldades que o professor tem durante o ano letivo. Além dos infortúnios citados, não se pode deixar de mencionar o fato das salas de aula estarem sempre lotadas e a grande disparidade de conhecimento idiomático e de mundo dos estudantes.

Diante de tantas dificuldades, professores estão buscando estratégias de ensino para estimular seus alunos com a criação de instrumentos que facilitem e incrementem o ensino de idiomas no mundo da educação básica. Diante disso, partindo do pressuposto de que muitos alunos não gostam de inglês, mas, em sua grande maioria (para não dizer todos) gostam de ouvir música, sugere-se como prática didático-pedagógica o uso da música na aula de inglês como um modo de facilitação e aproximação do mundo cotidiano dos alunos com o mundo da sala de aula.

Em outras palavras, resumidamente, este trabalho procura apresentar, alguns fatores que podem contribuir para que este “não gostar de inglês” por parte dos alunos seja superado, bem como apresentar algumas formas de enfrentamento da falta de motivação que professores e alunos enfrentam em seu cotidiano escolar. Num segundo momento, apresenta-se uma estratégia diferenciada dos métodos tradicionais para motivar os alunos a aprender inglês, sugerindo-se, a música em sala de aula, pois se acredita que se incorporada nas práticas pedagógicas durante as aulas de inglês, ela pode trazer benefícios e motivação para os alunos e, simultaneamente, fazer com que o aluno goste mais do idioma inglês.

Quanto a metodologia, destaca-se que esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, quanto aos objetivos classifica-se como descritiva, uma vez que não há interferências ou julgamentos de cunho pessoal e, por fim, bibliográfica.

1 **TEACHER! EU NÃO GOSTO DE INGLÊS. QUAIS FATOS PODEM DESENCADear ESTA AFIRMAÇÃO DOS ALUNOS?**

Não é incomum ouvir a frase: *“Teacher! Eu não gosto de inglês”* em nossas unidades escolares. Nessa mesma linha, também se ouve dos estudantes muitas reclamações sobre as dificuldades em aprender o idioma. Com o pensamento voltado aos motivos desse “não gostar de inglês”, perguntamos quais são as razões de tal desgosto.

Responder esta questão é certamente algo muito difícil, mas se pode afirmar que despertar o interesse pelo idioma de inglês é um grande desafio e isto ocorre por diversos fatores. Neste diapasão, Bechtold, Becker, Lusa e Bonin (2022) colocam que

Despertar o interesse pelo aprendizado é, certamente, o maior desafio que os professores contemporâneos enfrentam em sala de aula. Como já é sabido, há uma herança na cultura escolar brasileira que coloca na balança alguns saberes com relação a outros, sobrepondo uns em detrimento de outros, ou seja, sabemos que alguns componentes curriculares são mais valorizados e outros mais desprezados. Em linhas gerais, quando se trata de falar sobre o ensino de um idioma, principalmente o inglês, é comum que os alunos não se interessem tanto, seja pelo distanciamento entre o idioma e a realidade deles, seja pelo valor que é dado a esse saber (BECHTOLD; BECKER; LUSA; BONIN, 2022, p. 189).

Por não gostarem do idioma, até mesmo em função da referida herança cultural escolar, se observa que a grande maioria dos alunos não possui um conhecimento razoável do idioma e, apesar de anos de estudo do idioma, ou seja, desde o início do ensino fundamental, muitos não apresentam resultados satisfatórios. Este fato é observado no dia a dia da escola, pois é “bastante comum ouvir alunos dizerem que não entendem nada em inglês nos anos finais do ciclo” (SILVA, 2015, p. 14).

Inclusive a dificuldade não é somente fazer com que o aluno goste de estudar a língua inglesa, é também identificar o porquê deste “não gostar”. Desse modo, a situação do diálogo entre professor e aluno geralmente se resume em duas sentenças, uma pergunta e uma rápida resposta por parte do aluno, sendo que a resposta é sempre breve e sucinta: *“eu não gosto de inglês porque não gosto”*.

Conclui-se que é mais difícil encontrar uma solução para o fato de os alunos não gostarem de inglês justamente porque não se tem um motivo aparente. Isso torna

o desafio do ensino do inglês ainda mais árduo, porém alguns indícios são observados. Pode-se dizer que é comum ouvir dos alunos: “eu não aguento mais estudar o verbo *to be*” ou “Eu já me cansei de falar *Good Morning*” ou ainda “Para que inglês, se eu nem sei falar português direito”. Essas afirmações apenas nos dão um vislumbre dos desafios que os professores do referido idioma enfrentam em suas fainas diárias.

Não obstante, aulas com muita gramática ou com exaustivas correções também são exemplos de situações que causam o desgosto pelo aprendizado da língua e acabam por desmotivar o aluno a aprender o idioma. Nesse sentido, Silva relata que:

O conhecimento das regras estruturais da língua não demonstra eficácia na abordagem, nem desenvolve as devidas habilidades comunicativas que um aprendiz necessita, a fim de usá-la de maneira significativa. A simples memorização de regras gramaticais e o saber aplicá-las corretamente na execução de tarefas ou exercícios com listas de frases isoladas, não é suficiente para uma produção que objetive uma comunicação espontânea (SILVA, 2015, p. 14).

Ressalta-se que o objetivo aqui não é adentrar no campo da importância, ou não, de ensinar gramática, mas o modo como ela é passada e cobrada dos alunos. Acredita-se que este conteúdo quando trabalhado, deve ser bem planejado, ou seja, “[...] ao trabalhar a gramática em sala de aula, precisamos analisar o modo como ela será ensinada e ‘cobrada’ para que o aluno não a considere como algo desinteressante para a aprendizagem de uma nova língua” (FOGAÇA; LOUREIRO; CALVO, 2020, n.p).

Assim sendo, diante do ensino da gramática e das mais diversas colocações dos alunos sobre o ensino de um inglês “gramatiquero”, faz-se necessário que o professor busque explicar o assunto de forma clara e simples, do mesmo modo que as correções devem ser explicadas de modo rápido e objetivo. Neste viés, Fogaça, Loureiro e Calvo advogam:

[...] prefere-se que o professor se atente para explicar o conteúdo de forma mais simplificada e com diversos materiais visuais, fazendo uso da língua materna quando alunos relatarem muita dificuldade. [...] acredita-se que é positivo corrigir erros, já que por meio dessas correções há um melhoramento no processo de aprendizagem do aluno. Há que se considerar, portanto, o

modo e o momento dessas correções (FOGAÇA; LOUREIRO; CALVO, 2020, n.p).

Outro fator que pode afetar o incentivo ao aprendizado de língua inglesa é a falta de material que atenda o contexto dos alunos. Há a necessidade que se tenha um mínimo de materiais de apoio, tanto para o aluno quanto para o professor. Porém, o relato de Conceição (2015) aponta o que ocorre frequentemente em nossas escolas:

Antes de iniciar o meu terceiro estágio de regência, fui à biblioteca do colégio para pegar um livro didático de inglês emprestado, mas fiquei triste quando a bibliotecária me avisou que não tinha mais exemplares na escola. Com isso, me questionei se todos os alunos tinham o material de língua inglesa para uso e ela me disse que não havia material suficiente para todos os alunos (CONCEIÇÃO, 2015, p. 24).

Desafortunadamente, o relato de Conceição une-se ao relato de tantos outros professores de língua inglesa que atuam em escolas públicas. Ainda nesta perspectiva sobre a falta de material que atenda o contexto dos alunos, a mesma autora aponta uma triste realidade:

Pode-se afirmar que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas não é de qualidade devido a vários fatores negativos. Certamente a falta de material didático contribui para esta defasagem no ensino de língua inglesa. Quando fomos para a sala de aula tivemos que trabalhar com outros materiais, usamos: cópias e escrevemos no quadro, pois uma pequena parcela de alunos possuía o material didático. (CONCEIÇÃO, 2015, p. 24).

Se a ausência de um livro didático é um grande problema, pode-se imaginar, em nossos dias, o impacto da falta de ferramentas tecnológicas tão necessárias para a educação. Porém, não se pode esquecer que é imperativo que o professor tenha o conhecimento do uso pedagógico destas tecnologias, pois o simples “uso pelo uso” pode descaracterizar enormemente o intuito didático-pedagógico que as tecnologias devem aportar ao ensino de qualquer disciplina.

Dito isso, principalmente após o período pandêmico, é preciso levar em consideração, que não basta ter tecnologias disponíveis e não se ter o conhecimento para usá-la a favor da prática pedagógica, pois “apesar das tecnologias digitais já fazerem parte do cotidiano escolar, muitos professores, e também alunos, na

atualidade, ainda têm dificuldades em usá-las para fins educacionais [...]” (ALBUQUERQUE; DALLAGNOL; SANTOS, 2021, p. 98).

Sabe-se que a tecnologia é uma aliada para a superação de um aprendizado visto como monótono e chato, porém, também é necessário saber o real sentido do uso destas tecnologias. Assim, diante das muitas possibilidades advindas com a tecnologia, é necessário planejar e organizar o trabalho em sala de aula, de modo a se alcançar o objetivo de fazer com que o aluno goste de inglês. Em outras palavras,

[...] são tantas ferramentas existentes, que, às vezes, o professor não tem o letramento necessário para selecionar as que melhor se adequem ao seu contexto e de seus alunos. Entretanto, sabe-se que não é possível, pois muitos alunos também, apesar de viverem em uma cultura digital, não compartilham dessa mesma realidade. (ALBUQUERQUE; DALLAGNOL; SANTOS, 2021, p. 99).

Neste viés, também há de se considerar o conhecimento do aluno dentro dessa cultura digital, bem como as condições sociais e econômicas que este aluno tem para possuir ou não o equipamento tecnológico à sua disposição.

Como visto, a falta de materiais didáticos/pedagógicos/tecnológicos é um obstáculo para que os professores possam motivar os alunos a estudarem inglês, ou seja, se o docente não possui um bom aporte pedagógico coerente, torna-se difícil dinamizar as aulas e este fato ajuda a desmotivar os alunos pelo aprendizado do idioma.

Outro fator bastante desmotivador são as salas lotadas. Por muitas vezes, o professor não consegue atingir seus objetivos tendo em vista a disponibilidade de pouco tempo para cada aluno. Por outro lado, o aluno, por muitas vezes, se sente abandonado, pois o professor na correria do mundo escolar não consegue atender a todos e negligencia involuntariamente a possibilidade de um atendimento mais pessoal ou personalizado.

Há, deste modo, a necessidade ainda de se apontar que, alguns alunos se sentem envergonhados e com medo de errar e serem alvo de chacotas. Isso fica muito evidenciado no relato de Conceição (2015), quando coloca sobre sua experiência de estágio:

Durante as aulas de estágio pude notar que alguns alunos se sentiam envergonhados e alguns até mesmo se recusavam a interagir ou pronunciar alguma palavra na língua alvo, e quando algum aluno pronunciava um pequeno texto, os outros colegas riam do seu desempenho e assim poucos tinham o desejo de se expor e correr o risco de ser motivo de chacotas e risadas (CONCEIÇÃO, 2015, p. 10).

Outro fato que pode desencadear uma desmotivação para o aluno é a distância da língua com a sua realidade. A maioria dos estudantes não observa a necessidade do aprendizado do idioma inglês e não vê sua real relevância, o que resulta em desinteresse e conseqüente falta de motivação. Como resultado desta falta de motivação, reaparece a afirmação por parte do aluno: *“Teacher, eu não gosto de inglês”*.

Nesta perspectiva, os professores necessitam trazer o inglês para o cotidiano do aluno, ou seja, aproximar o aluno da língua. Imaginemos um aluno cuja família vive no campo e sobrevive da agricultura, ou um aluno que vive em uma região essencialmente agrícola e interiorana. Comumente, estes alunos não visualizam nenhuma ou pouca possibilidade de interação com pessoas estrangeiras. Neste contexto, é possível fazer com que o discente se motive e goste de estudar inglês?

Diante desta situação, dentre tantas outras, o aluno não consegue perceber a relevância do inglês na sua vida cotidiana, razão pela qual ele acaba não se interessando verdadeiramente pelo aprendizado da língua inglesa, pois para ele, além de parecer um “bicho de sete cabeças”, é algo muito distante e, como conseqüência, há uma grande desmotivação para aprender, como estamos afirmando desde o início de nosso texto.

Diante deste cenário, entra a importância do papel do professor na preparação das aulas, na seleção dos materiais e na avaliação de seus alunos. Ainda sobre o papel dos professores, Silva (2015) ressalta que:

[...] eles também devem ter em mente outros desafios postos à sua prática, uma vez que o ensino da Língua Inglesa não se dá no trabalho unilateral, e devem levar em conta outros elementos, inerentes ao cotidiano dos alunos e seu contexto, escolar e externo à escola. (...) Um aspecto importante a ser considerado no que tange o ensino de Língua Inglesa em escola pública, é o cenário em que os alunos e a escola se encontram. Além de fatores desmotivadores, (...) constatações de pesquisadores sobre dificuldades e limitações no trabalho, há o contexto social e as demandas culturais próprias dos adolescentes. (SILVA, 2015, p. 25).

Além dessa aproximação do aluno com a língua inglesa, necessita-se também a criação de ambientes favoráveis à aprendizagem, com a elaboração de aulas agradáveis que realmente mostrem ao aluno a grande importância do inglês. Como visto, é assertivo dizer que vários são os fatores que fazem os alunos não gostarem de inglês, mas, concomitantemente, há muitos outros elementos que podem ajudar a motivar o estudante a querer aprender o idioma.

Neste sentido, uma das melhores estratégias motivacionais para o estímulo do aprendizado do inglês perpassa a compreensão, tradução e interpretação de boas músicas do referido idioma. Neste propósito, o tema que se desenvolverá no próximo tópico demonstrará quais são os benefícios e conquistas que os professores de língua inglesa obterão, caso aceitem a premissa de que o ensino do inglês por meio da música pode ser uma excelente forma de cativar, impulsionar e facilitar o ensino deste idioma tão temido e malcompreendido.

2 TEACHER! NÃO GOSTO DE INGLÊS, MAS GOSTO DE MÚSICA. MÚSICA COMO FERRAMENTA MOTIVACIONAL PARA SE APRENDER INGLÊS.

Explanar sobre os conceitos de motivação não está nos planos deste artigo, até porque os conceitos de motivação são amplos e diversos. Contudo, o que se pode afirmar é que a motivação é um dos fatores fundamentais para o sucesso ou insucesso de uma pessoa. Em uma visão simples e direta, pode-se dizer que motivação é a vontade ou a necessidade de fazer algo que se revela por meio do desejo, da ambição e do desafio. Em suma, é o motivo para realizar uma ação.

Nesta perspectiva, Silva (2015) também coloca sobre a dificuldade de conceituar motivação:

O conceito de motivação é um conceito abstrato. Em princípio, por se tratar de algo que não pode ser mensurado, e, por conseguinte, por depender de muitas variáveis circunstanciais, que envolvem os diversos indivíduos que possam ser pesquisados. A motivação remete ao imaginário de quem espera, pelas crenças que tem dos resultados que se deve esperar, independentemente de suas expectativas serem conhecidas por outro. [Definir] o conceito de motivação pode ser difícil, pois pode levar a diferentes concepções, crenças ou princípios. São diversas as definições sobre motivação, em especial devido à complexidade de cada indivíduo e suas particularidades. (SILVA, 2015, p. 10).

Como aqui não se tem o intuito de discutir os conceitos de motivação, deve-se, acima de tudo, afirmar sua importância como elemento essencial para tudo o que queremos fazer, pois ela se encaixa perfeitamente com as diretrizes de aprendizado. Nesta perspectiva, Melo, Souza, Silva (2020) apontam que:

A motivação é entendida como um dos fatores imprescindíveis e essenciais para o progresso do ser humano, de maneira especial das capacidades sociais e cognitivas e das habilidades, pois o processo de aprender não é inerte, pelo contrário, está em contínua inovação e evolução, acima de tudo, deve ser motivado. Com referência a motivação, Piletti N (2013), afirma que a motivação é agente indispensável da aprendizagem. É possível existir aprendizagem sem docente, sem estabelecimento de ensino, sem computador, sem livro e sem muitos e diversos recursos. Mas, se não existir motivação, não existirá aprendizagem, ainda que haja todos esses recursos adequados (MELO; SOUZA; SILVA, 2020, p. 2).

Com base neste excerto, pode-se inferir que o aprendizado não é apenas resultado da assimilação ou memorização de informações, mas consequência direta de um motivo razoável para se aprender algo. Assim, “partindo do pressuposto de que o professor deve orientar sua prática visando a motivação de seus alunos, um de seus papéis é buscar entender as expectativas dos seus alunos” (SILVA, 2015, p. 10).

Em nosso entendimento, sugere-se a música como uma estratégia para que o professor consiga motivar o aluno a aprender e, principalmente, a gostar de inglês.

É muito raro encontrar uma pessoa que afirma que não gosta de música. Diante disso, imaginemos um ambiente no qual há várias pessoas que são “obrigadas” a estar em sala de aula. De um modo geral, esta é a sensação de muitos estudantes que precisam estudar inglês. Contudo, se um professor deste componente curricular apresentar como atividade de aprendizado, a escuta atenta de uma música, de modo que os estudantes possam ouvi-la com atenção, interpretá-la, traduzi-la e, por fim, compreendê-la; certamente, a experiência do aprendizado será ressignificada.

Diante desta situação, uma quantidade considerável de novas possibilidades pode surgir para elevar a motivação dos alunos. Nessa perspectiva, Sant’anna e Sousa (2011) apresentam uma possibilidade de se trabalhar vários temas com a música:

O professor faz a contextualização, os alunos discutem algo sobre o tema em questão, o professor trabalha com técnicas que visam desenvolver as

habilidades auditivas. O instrutor conecta o assunto com a vida dos alunos. Posteriormente, ele chama a atenção dos alunos para perceber e esclarecer algum item gramatical e, finalmente, pratica as estruturas gramaticais extraídas da letra de música por meio de outras atividades, integrando dessa forma as habilidades linguísticas (SANT'ANNA; SOUSA, 2011, p. 181).

A estratégia apontada por Sant'Anna e Sousa revela que existem caminhos possíveis para a aprendizagem criativa, pois o modo tradicional de ensino é válido na medida em que promove um saber técnico acerca da gramática e da morfologia de uma língua, mas o processo de vivência e aplicação dos saberes linguísticos devem ser inovadores e fomentadores da imaginação e da criatividade dos estudantes; o que, em nosso entendimento, pode ser possível por meio da música. Essa capacidade inventiva e criativa não precisa ser um peso exclusivo dos professores, pois eles também podem acolher e receber sugestões advindas dos próprios estudantes. Em outras palavras, o professor de inglês, assim como todos os outros, precisa estar aberto às atualidades. “Essas atualidades estão modificando o cotidiano dos seres humanos, fazendo com que nós tenhamos que acompanhá-las para não ficarmos para trás, obsoletos e retardatários.” (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 97).

Essas atualidades estão igualmente ligadas às novas tecnologias. É evidente, como dito anteriormente que o acesso às tecnologias demanda condições econômicas e sociais. Todavia, muitas tecnologias são acessíveis à uma grande parte dos estudantes, pois é muito comum encontrarmos estudantes do ensino fundamental ou médio, que já possuem *smartphones*, acesso à internet 4G e usam frequentemente fones de ouvido para assistirem vídeos ou escutarem músicas. Assim, podemos considerar que ir contra essa evolução tecnológica é o mesmo que nadar contracorrente, isto é, ao invés de proibir ou penalizar os alunos, é possível trabalhar com os recursos já conhecidos e usados frequentemente por eles. Dito de outro modo, é possível “lutar com as armas” que eles possuem. E, neste embate, todos podem sair vitoriosos.

Assim, se a música é habitual na vida da maioria dos estudantes, fica evidenciado que ela é uma ferramenta atrativa para ensinar um idioma. Conforme Oliveira e Santos (2014), a música está presente em nossas vidas e justamente por este motivo não pode ficar de fora da educação.

A música é um desses bens que são fundamentais para o homem. Por meio dela, ele pode pensar, sonhar, criar, emocionar, ensinar, aprender, envolver, enfim, pode realizar várias ações apenas ouvindo uma música. Ela tem a capacidade de mexer com nossos sentidos e emoções, ou seja, ela destaca-se em meio a vários momentos de nossa vida, sejam eles alegres ou tristes. Então por essa razão é importantíssimo que ela esteja presente também na nossa educação. (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 98).

Neste mesmo viés sobre a importância da música na vida das pessoas, Bechtold, Becker, Lusa e Bonin (2022) colocam que as pessoas necessitam de música para elaborar diversas atividades em seu dia a dia, pois “a música penetra diretamente em nossa vida, podendo nos inspirar a realizar algo. Muitas vezes, ela é usada como uma âncora que nos ajuda a realizar tarefas ou nos impulsiona a seguir em frente (BECHTOLD; BECKER; LUSA; BONIN, 2022, p.183).

Outro elemento que pode ser elencado para fazer com que o aluno goste de inglês é o de que a música faz com que o aprendizado ocorra de forma divertida, agradável e prazerosa. Além disso, “[...] nos contextos informais de aprendizagem, a música vai além dos materiais designados e criados especialmente para o ensino, oferecendo acesso a um contexto cultural rico relacionado à língua a ser estudada (NUNES; LAZZARI; BARCELLOS; MORAES, 2020, p. 60).

Ademais, Nunes, Lazzari, Barcellos e Moraes (2020) também coadunam com a ideia de que a música é capaz de motivar o aluno a aprender e ainda auxiliar nos sentimentos ou emoções dos alunos. Neste sentido, os autores declaram:

O uso de músicas contribui no ensino de uma língua estrangeira, pois elas auxiliam a diminuir filtros afetivos do aluno, tais como apreensão, ansiedade, tédio e baixa autoconfiança, emoções que geralmente impactam negativamente na aprendizagem de línguas. A música, ademais, pode fornecer motivação ao aluno para aprender a língua em questão, justamente por se tratar de um contexto leve e descontraído. (NUNES; LAZZARI; BARCELLOS; MORAES, 2020, p. 60).

A questão do envolvimento emocional e afetivo traz um grande elemento motivador e facilitador, pois o ato de “envolver discentes e docentes emocionalmente é fator determinante para que a aprendizagem aconteça, uma vez que, aprendemos muito mais quando sentimos amor pelo objeto estudado” (BARROS, 2019, p. 27).

“*Teacher! Eu não gosto de inglês, mas gosto de música*” como resposta a esta colocação, sugere um planejamento capaz de trabalhar a música (o aluno gosta) com o fim de atingi-lo de modo motivacional e transformar o aprendizado de inglês (o aluno não gosta) em algo atrativo. Desse modo, a “ligação entre a música e a motivação pode ser a combinação adequada para que se tenha uma aprendizagem prazerosa, proativa e eficaz” (BECHTOLD; BECKER; LUSA; BONIN, 2022, p.185).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se dizer que os alunos, em linhas gerais, estão desmotivados com o componente curricular de língua inglesa, no mais das vezes, em função da metodologia de ensino usada pelos professores. Independentemente de tal evidência, busca-se saber o porquê desta desmotivação e algumas pistas nos mostram possíveis motivos para este fato. Exemplos são diariamente observados nas unidades escolares, principalmente quando os alunos questionam sobre o uso da língua inglesa diante de suas realidades. Muitos estudantes acusam que o idioma é inútil ou desnecessário.

Com esta afirmação, são muitos os professores que se questionam sobre como podem melhorar seus métodos para que os estudantes apreciem a língua alvo. Nesta perspectiva, sugere-se levar a música para a sala de aula, pois por meio dela, são várias as possibilidades de se trabalhar o idioma inglês: desde a leitura e entendimento das músicas que, por vezes, poderá ter um significado muito além da simples rima até a diversão, com a pronúncia das palavras ou a tentativa de cantá-las durante e após a execução das músicas.

Para finalizar este texto, pode-se afirmar que muitas outras estratégias estão à disposição para serem usadas no ensino do idioma inglês, porém o uso da música na sala de aula dá ao professor uma ferramenta acessível para todos os alunos, já que muitos deles, como afirmamos, já possuem acesso à tecnologias que dispõem entrada fácil ao mundo audiovisual.

Em suma, se pode colocar que, tendo a música como instrumento pedagógico, o professor consegue motivar e abrir diversos caminhos para o aprendizado do

componente curricular de inglês e assim, possivelmente poderá ouvir de seus alunos: *“Teacher, I love English”*.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Vitória França; DALLAGNOL, Riscieli; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Desafios no ensino e aprendizagem de línguas adicionais para crianças em tempos de COVID-19: vozes de professoras de um contexto mato-grossense. **Signo**, v. 46, n. 85, p. 97-107, jan./abr. 2021. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v46i85.15831>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15831> Acesso em: 12 jan. 2023.

BECHTOLD, Ivan; BECKER, Fabiana Dalila; LUSA, Vânia Cristina Marcon da Rocha; BONIN, Joel Cezar. É possível ensinar inglês com música? Uma reflexão sobre música e aprendizagem. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 20, n. 3, p. 181-195, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/7203/5095>. Acesso em: 17 jan. 2023.

BARROS, Livia Cruz Pinheiro de. **SALA DE AULA INVERTIDA E OS PROCESSOS MOTIVACIONAIS DE ESTUDANTES NAS AULAS DE APOIO DE LÍNGUA INGLESA**. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação., Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-Pucrs, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16574/1/000497890-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONCEIÇÃO, Hilma Monteiro da. **UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE UM POSSÍVEL DESINTERESSE E DESMOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PELA LÍNGUA INGLESA ORAL NA SALA DE AULA**. 2015. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Inglês, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4448/1/HILMA%20MONTEIRO%20DA%20CONCEI%3%87%3%83O%20-%20TCC%20-%20LETRAS%20%281%29.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FOGAÇA, Flávia Meneguel; LOUREIRO, Jaqueline Mayumi Ikeda; CALVO, Luciana Cabrini Simões. Um olhar para o ensino de gramática de língua inglesa (LI) em uma sala de aula do contexto regular público de ensino. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, Maringá, v. 2, n. 2, jun. 2020. Even3. <http://dx.doi.org/10.29327/2.1373.2.2-3>. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/riel/article/view/1424>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MELO, Leomir Barros Coutinho de; SOUZA, Marinaldo Alves de; SILVA, Jaiurte Gomes Martins da. Motivação para a aprendizagem em crianças escolares: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, [S.L.], v. 10, p. 01-07, 18 jun. 2020. *Revista Eletronica Acervo Saude*. <http://dx.doi.org/10.25248/reac.e3636.2020>.

Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/3636>
Acesso em: 12 jan. 2023.

NUNES, Mariana Backes; LAZZARI, Melissa Giovana; BARCELLOS, Patrícia da Silva Campelo Costa; MORAES, Michele Moraes de. Sing and Learn: Análise da Recepção de uma Ferramenta Virtual de Ensino De Línguas. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 56-82, 23 jul. 2020. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.35699/1983-3652.2020.24389>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/24389>. Acesso em: 17 jan. 2023.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de; SANTOS, Larissa dos. O desenvolvimento das competências do aprendiz por meio das músicas nas aulas de língua inglesa. **Eccom**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 97-116, jun. 2014. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180414124949id_/http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/1117/881. Acesso em: 17 jan. 2023.

SANT'ANNA, Magali Rosa de; SOUSA, Erick Silva Wendling de. Música – porque utilizá-la? Uma análise do uso da música como instrumento mediador, facilitador e motivador no ensino-aprendizagem da língua inglesa em sala de aula. **Dialogia**, São Paulo, n. 13, p. 179-192, 30 jun. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5585/dialogian13.2611>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/2611/2115>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SILVA, Wagner Oliveira da. **O ensino da língua inglesa no contexto da escola pública: um estudo sobre fatores desmotivadores**. 2015. 44 f. Monografia (Especialização) - Curso de Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-ADXH73/1/wagner_oliveira_da_silva.pdf. Acesso em: 03 jan. 2023.